[Recensão a] Caminhos da Italianística em Portugal, coordenação de Rita Marnoto

Autor(es): Morujão, Isabel

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/42708>

DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/0870-8584_1_18

Accessed : 26-Apr-2023 10:45:47

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

Estudos Italianos em Portugal

Instituto
Italiano
de Cultura
em Portugal

Nova Série

Nº 1

2006

não se esgotaria com a versão impressa. P[edro] C[oelho], L[uís] F[ranco] C[orreia] e M[anuél] C[orreia] M[ontenegro] testemunhariam, assim, três fases da elaboração poética, que acompanharam o poeta ao longo da sua turbulenta vida, desde a juventude estudantil até à maturidade desencantada, passando pelas marcantes vicissitudes ultramarinas.” (p. 105).

A entrada na oficina dos poetas é uma experiência impressionante e reveladora, e são precisamente os meandros da forja de Camões que Valeria Tocco convida a descobrir. Podemos aqui ou ali discrepar: por exemplo (*vd.* pp. 26-7), há argumentos para crer que, ao ocupar-se da estrofe 119 do canto X, com sua “matéria perigosa”, Faria e Sousa teve em consideração a edição de 1584 ou a de 1591 (não as menciona abertamente, mas é à censura nelas aplicada que reage com o afã de ilibar Camões de qualquer suspeita de ataque aos jesuítas). Repare-se, porém, que este pormenor serve apenas para vincar o mérito essencial de *A Lira Destemperada*: o de estimular uma leitura curiosa da recepção d’ *Os Lusíadas*, e, princi-

palmente, um olhar renovado sobre o poema, na medida em que permite apreciar viragens na sua escrita e perceber ali tensões fulcrais.

Que vemos, que somos levados a pensar? Se é verdade que, na versão impressa em 1572, Camões evitou representações flagrantemente ariostescas (sem nunca apagar discretos elos entre *Os Lusíadas* e o *Orlando Furioso*), e se, privilegiando um sentido de decoro classicizante e uma aproximação a modelos historiográficos consagrados, refreou pormenores e juízos na narração da história de Portugal, ao invés, em certos (estratégicos?) momentos, acentuou efeitos contraditórios e enfatizou factores de estranhamento (escolhendo o fanfarrão Veloso como narrador das proezas dos Doze de Inglaterra; concorrendo, mercê da *amplificatio* do poder tirânico do amor, para que sobressaia, ainda mais ambígua, a retórica *in utramque partem* que encerra o canto III). Obra peregrina, pois, a que o poeta burilou ou quis erguer. E a omissão de uma tirada plena daquele cepticismo que atravessa a lírica (basta lembrar as oitavas ao desconcerto do mundo ou os sone-

tos “Correm turvas as águas deste rio”, “Cá nesta Babilónia, donde mana”) – tirada que se espraia na versão de Pedro Coelho mas é substituída, na *editio princeps*, pela dura reflexão sobre os sinais dos tempos e a dissipação do ideal heróico, no termo do canto VI —, só confirma o dilema, tipicamente maneirista, que agita *Os Lusíadas*, no insanável atrito entre a esperança e a dúvida, entre o optimismo e a desconforto, entre o encarecimento de valores épicos e a amarga expressão da descrença e inquietude de um “bicho da terra, vil e tão pequeno”.

A Lira Destemperada. Sobre a tradição manuscrita de Os Lusíadas mostra que o poema camoniano continua a ser – é – um magnífico desafio. Por isso – por tudo – importa que também em Portugal este livro de Valeria Tocco seja divulgado e fruído. ISABEL ALMEIDA

Caminhos da Italianística em Portugal, coordenação de Rita Marnoto, Coimbra, Instituto de Estudos Italianos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2004, 177 pp. [série Leonardo, 1]

Em boa hora se vê surgir, no panorama dos estudos sobre língua, literatura e cultura, uma colecção vocacionada para o estudo da italianística em Portugal, fecundo e lato campo de investigações, que convoca saberes múltiplos, mas convergentes, no esforço de captação da especificidade da nossa linguagem artística e cultural, no que ela sempre pressupõe de típica e explícita heterogeneidade. Hoje, só as iniciativas deste teor podem dinamizar produtivamente um campo de estudos, ao permitirem uma continuidade de investigação que não se esgota numa única publicação.

Não pode o investigador deixar de ser sensível, desde logo, à feliz escolha do título da colecção. De facto, o nome de série *Leonardo* coloca todo este projecto sob o signo da interdisciplinaridade e dos cruzamentos semióticos, atitude de investigação que esta colecção pretende acolher. A coordenação de Rita Marnoto constitui desde logo garantia de continuidade para esta série, pelo vivo interesse que, desde há largos anos, a investigadora tem vindo a demonstrar pelo estudo da literatura portu-

guesa enquanto ressonância de matrizes italianas, constituindo a sua tese de doutoramento, *O Petrarquismo Português do Renascimento e do Maneirismo* (Coimbra, 1997), um estudo fundacional para a dilucidação de um dos períodos mais fecundos da influência medular da literatura italiana entre nós. Aliás, a coordenação do primeiro e do segundo número (um volume interdisciplinar sobre a cidade e a crítica italiana) desta série recebeu já o “Premio Flaiano Italianistica 2005”, atribuído por um júri presidido por Jacqueline Risset, na categoria “ensaio de italianística feito no estrangeiro”, o que não deixa de constituir um auspicioso augúrio para estas publicações ainda em “estado nascente”. Este reconhecimento confirma ainda o intuito renovador do Instituto de Estudos Italianos, que procurou relançar a “tradição de estudos que remonta, institucionalmente, a 1929, ano da fundação da Sala Italiana da Faculdade de Letras” da Universidade de Coimbra.

Este primeiro número – *Caminhos da Italianística em Portugal*, resultante do Primeiro Encontro de Italianística promovido pelo

Instituto de Estudos Italianos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Fevereiro de 2003 – pretendeu justamente convocar autores e estudos que recobrem um vasto terreno de saberes e de referências incontornáveis para a construção da nossa identidade, no diálogo que desde muito cedo estabeleceu com matrizes italianas.

Por isso, a organização deste volume obedeceu, entre outros critérios, ao da cronologia. O artigo de abertura é da autoria de Américo da Costa Ramalho, um investigador que desde há largas décadas tem dinamizado os estudos sobre o Humanismo português, dedicando privilegiada atenção à figura de Cataldo Parisio Sículo. Costa Ramalho aduz aqui mais algumas informações que permitem captar, numa malha cada vez mais estreita e precisa, a influência alargada e multidireccionada deste humanista na corte portuguesa, decisiva para a matriz italiana que, do ponto de vista do autor, caracteriza, indiscutivelmente, o nosso Humanismo. O artigo aponta alguns trabalhos de relevo, realizados nessa época, no âmbito da literatura e da língua, que tiveram, nos

bastidores da sua elaboração, a sombra tutelar de Cataldo. Costa Ramalho sugere ainda pistas de trabalho e ideias para uma investigação avançada, em torno, por exemplo, da tradução para Português realizada por D. Leonor de Noronha – “a mais brilhante das alunas de Cataldo” – da *Historia Universal* de Marco Antonio Sabelico, redigida em latim.

Seguidamente, Jorge Osório recorda os seus primeiros contactos com a língua italiana, fixando-os no quadro da bibliografia que construiu a sua formação académica em Coimbra. Ao situar o início deste percurso na sua entrada para a Universidade, Jorge Osório conclui, depois de uma emocionada e nostálgica revisão dos seus *Cadernos de Sumários e Bibliografias das Lições de Introdução aos Estudos Linguísticos*, então leccionadas, no 1.º Ano da licenciatura, por Manuel de Paiva Boléo, que o Italiano foi desde sempre a língua com que contactou no universo da erudição, do estudo e da cultura. E, embora tenha lido incontornáveis obras literárias italianas, como o *Canzoniere*, a *Fiammetta*, a *Arcadia* ou *Il libro del Cortigiano*, Jorge Osório constata que foi quase sempre nas

áreas de estudo em que teve que se movimentar, primeiro como aluno e, depois, como professor universitário, que os livros em Italiano se lhe impuseram como imprescindíveis. O seu testemunho rende homenagem a especialistas italianos da literatura portuguesa e da teoria da literatura, e torna-se, nas suas deambulações de memória, num exemplo sugestivo do percurso de um Homem de Letras, em Portugal, na segunda metade do século XX.

Por sua vez, Zulmira Santos traz-nos, pela mão de Teodoro de Almeida, o espelho do que seriam as dívidas do pensamento português do séc. XVIII para com a cultura italiana. Num exercício de levantamento de hipóteses, que só um hábil conhecedor do século XVIII consegue intuir, a autora interroga-se sobre a possibilidade de leitura de Francesco Algarotti (1712-1764) por parte do oratoriano Teodoro de Almeida (1722-1804). O seu artigo equaciona as prováveis ressonâncias do *Dialoghi sopra l'ottica newtoniana* na enciclopédica *Recreação Filosófica* (1751-1800), estudando, sobretudo, o Tomo IV (1753) desta obra, que, como é

sabido, constitui o quadro mais completo da divulgação científica do Portugal das Luzes. Trata-se, no entanto, aqui, apenas de indicar insinuações de leitura, na medida em que o nome ou a obra de Algarotti nunca são explicitamente referidos. A inspiração de outros textos do autor italiano pode ler-se em algumas opções temáticas do oratoriano português, pelo que parece possível suspeitar-se de uma rede de relações entre a cultura italiana e a portuguesa que se prendem, entre outros aspectos, aos mecanismos de divulgação das teorias de matriz newtoniana.

Giuseppe Mea, por seu lado, traz-nos uma perspetivação dos interesses dos portugueses pela língua italiana (num quadro comparativo com o interesse dos italianos pela língua portuguesa, que antecede o nosso) desde o século XVIII até aos nossos dias, através de uma reflexão sobre a emergência dos dicionários bilíngues e das gramáticas, procurando enquadrar as poucas edições de que há memória no contexto histórico-cultural em que afloram. Neste campo, a fixação de numerosas comunidades de italianos no Brasil, a partir

do séc. XIX, constituiu um factor de inegável importância para o aparecimento do primeiro dicionário Português-Italiano (e seu correlativo Italiano-Português), elaborado por Carlo Parlagreco, em 1921, na sequência de quatro anos de actividade de ensino do Italiano no Brasil. De todo este périplo, Giuseppe Mea conclui que o Italiano, em Portugal como no resto da Europa, continua a ser uma língua de elite e não de massas, uma língua de cultura e não de comunicação. Os frequentadores do Curso de Italiano são, na sua maioria, universitários e pós graduados. Oxalá a *Gramática Italiana para Lusófonos*, que o Professor Mea recentemente elaborou e tem nos prelos da Porto Editora, profetize um mais franco acesso dos portugueses à língua italiana e, consequentemente, à sua cultura e à sua literatura.

A terminar, o artigo de Roberto Francavilla, *La letteratura portoghese in Italia oggi*, a comprovar que a pesquisa de todos estes diálogos interculturais não é, naturalmente, uma via de sentido único, nem circunscrita a tempos mais recuados. Embora considerando que a fortuna editorial de Camões em Itália constituiu um

caso exemplar de divulgação da literatura portuguesa nesse país, Francavilla abandona este filão de estudo (depois de, a traços largos, ter demonstrado os seus inícios e a sua vitalidade) para se deter sobre a actividade de tradução e edição, em Itália, de obras de literatura portuguesa relativas ao período que medeia entre o 25 de Abril de 1974 e os nossos dias. Apoiando-se no que considerou como as três categorias fundamentais da mediação cultural entre estes dois países desde o século XVI (poetas, académicos ou homens de letras e viajantes), R. Francavilla traça uma breve história da tradução italiana de obras literárias portuguesas, sublinhando a sua riqueza e actualidade, e não deixando de apontar para uma certa desigualdade de situação, no que se refere à atitude portuguesa no campo da tradução de obras italianas. É que, para Francavilla, a mediação entre campos literários representa “uno dei modi più validi e creativi per superare l’ignoranza e l’incomprensione fra culture”. Seria bom que as políticas editoriais, científicas e de ensino se deixassem impregnar desta convicção...

São, portanto, múltiplas e multi-direccionais as vias de investigação que se iniciam com esta publicação. A sua perspectiva, na riqueza e diversidade que deixam antever, encontrará talvez expressiva explicitação em registo poético, na evocação do título de uma antologia de poemas de Ana Luísa Amaral que, a este propósito, me acode trazer aqui: *E muitos os caminhos...* ISABEL MORUJÃO

Ceserani, Vattimo, Gnisci, Dal Co, *Leonardo express*, coordenação de Rita Marnoto, Coimbra, Instituto de Estudos Italianos da Faculdade de Letras, Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2004, 145 pp. [série Leonardo, 2]

Leonardo Express é o nome dado a um ciclo de quatro conferências coordenado por Rita Marnoto no âmbito da Programação “Cidade e Arquitectura” de Coimbra Capital Nacional da Cultura que decorreu em 2003. O evento foi transformado em livro, em 2004, numa edição conjunta do Instituto de Estudos Italianos da Faculdade